

22

Dia de Finados ou Dia dos Espíritos?

Dia de finados — dir-me-eis vós, que me escutais. Pois, em que me pese contestar-vos, dir-vos-ei que de finados não é o dia de hoje. Porque finar-se só se fina quem se acaba. E o homem não morre — é imortal. Privado do corpo físico, sobrevive no corpo fluídico — misterioso campo de forças perispirituais, que, embora interditas, por enquanto, às investigações científicas, sempre foram percebidas pelas faculdades supra-sensíveis dos videntes.

E é o que nos confirma, depois de morto, nesse impressionante soneto, através da psicografia de Chico Xavier, o mais cético de todos os poetas — Augusto dos Anjos.

*Após a introspecção do Além da Morte,
Vendo o humus que as próprias vértebras come,
Devorar com atra e hórrida, árdega fome
Minhas carnes em lúbrico transporte,*

*Vi que o ego era o alento flâmeco e forte
Da luz mental que a morte não consome.
Não há mavórtica que o dome,
ou venenada lâmina que o corte.*

*Depois da estercorária microbiana,
De que a Terra obnóxica se engalana
Nos ergástulos do Infinitesimal*

*Volve o Espírito ao páramo celeste
Onde a deífica essência se reveste
Da substância fluida universal*

Na verdade, caros ouvintes, a “deífica essência” isto é, o Espírito revestido da “substância fluida universal”, como diz o poeta, ou da matéria cósmica universal, como preferem outros, continua viva, como vivo continuou o autor de Eu, porque, por absurdo que pareça, o Espírito é indestrutível. E, servido por um corpo etéreo, mais aperfeiçoado, que lhe dá novos sentidos, o Espírito, pelo fato de estar despojado do corpo carnal, não pode ser considerado morto. Ao contrário, vivendo uma vida mais plena de sensações e de emoções do que a vida terrena, os “mortos” estão, de fato, mais vivos do que nós! Por conseguinte, chamá-los de finados, sobre ser chocante contra-senso, é ridícula jactância!

Não; o dia de finados, se é consagrado àqueles que regressaram ao Mundo Espiritual, não é dia de finados — é dia dos Espíritos. Dia de nossos parentes amados. Dia de nossos Guias venerados. Dia daqueles que, pela carne e pelo espírito, conosco se uniram por profundos laços afetivos — os nossos parentes e os nossos amigos, que nos antecederam na partida para outros planos de existência. Dia, também, daqueles que, sem terem estado ligados a nós pelos vínculos consangüíneos, de remotas eras a nós se prenderam, por indestrutível afeição — os nossos Protetores, os nossos Guias Espirituais, em suma — os nossos melhores amigos, de vez que, com inauditos sacrifícios, lutam por nossa ascensão espiritual. O dia dito finado é, portanto, um dia de saudade e de gratidão. Gratidão

aos Protetores, que, no Além, velam por nós. Saudade dos entes queridos que, embora, no Além, permanecem em nosso coração. Presos pelo coração, presentes estarão sempre em nossa memória, Porque, como afirmou em magistral oração de paraninfo, o nosso genial Rui Barbosa, “para o coração, não há passado, nem futuro, nem ausência. Ausência, pretérito e porvir, tudo lhe é atualidade, tudo presença. Mas presença animada e vivente, palpitante e criadora, neste regaço interior, onde os mortos renascem, pré-nascem os vindoiros e os distanciados se ajuntam, ao influxo de um talismã, pelo qual, nesse mágico microcosmo de maravilhas, encerrado na breve arca de um peito humano, cabe, em evocações de cada instante, a humanidade toda e a mesma eternidade.”

E prossequindo na altiloqüente apologia aos prodígios do coração, metáfora com que traduz os mais nobres sentimentos humanos, mostra-nos o venerável tribuno como o “mágico microcosmo” vence a morte, trazendo os Espíritos ao nosso convívio. “A maior de quantas distâncias” — disse o glorioso autor de *Oração aos Moços* “a maior de quantas distâncias logre a imaginação conceber, é a morte; e nem esta separa entre si os que a terrível afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros. Quantas vezes não vemos, nesse fundo escuro e remotíssimo, uma imagem cara? Quantas vezes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente, ou melancólica, alvoroçada ou inquieta, severa ou carinhosa, trazendo-nos o bálsamo ou o conselho, a promessa ou o desengano, a recompensa ou o castigo, o aviso da fatalidade ou os presságios de bom agouro? Quantas não nos vem conversar, afável e tranqüila ou pressurosa e sobressaltada, com o afago nas mãos, a doçura na boca e a meiguice no semblante, o pensamento na fronte, límpida ou carregada, e lhe saímos do contato, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidados e pesadume, ora cheios de novas aspirações, e cisman-

do para a vida, novos rumos? Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar esses leais companheiros de além-túmulo, e com eles renovar a prática interrompida, ou instar com eles por um alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstia de luz, um traço do que por lá se sabe, e que se ignora?”

Sim, meus irmãos, se a vós outros, que duvidais da sobrevivência e do intercâmbio com o Mundo Espiritual, as assertivas do grande brasileiro se vos afiguram simples tropos literários, muito vos enganais. Porque, na verdade, ao decantar o maravilhoso poder evocativo que nos reserva o coração, mantendo inapagáveis em nossa retentiva a imagem dos entes estremecidos, Rui Barbosa, com sua penetrante intuição, proferiu uma verdade incontestável, diante das provas apresentadas pelo Espiritismo, com o testemunho de vultos eminentes de todos os domínios do saber humano!

E é por saber que não se finam os que partem para o Além; e que, os que verdadeiramente se amam, unidos pelo amor, continuam, como Espíritos imortais que são, que nós, espíritos, comemoramos o 2 de novembro não como quem rende culto ao corpo, reduzido a um punhado de pó, no fundo do sepulcro, mas como quem sabe testemunhar aos que se foram, imperecível amizade, renovando, nesse dia, a prática de todos os dias, permutando com eles os melhores pensamentos e os fluidos mais puros, através do transcendental poder telepático da oração.

O dia de finados é, na verdade, dia de evocação, de meditação e de oração. Evocação dos entes amados, que já partiram para a vida espiritual, renovando com eles os laços afetivos, em moldes menos egoístas, expungidos das sensações terrenas e sublimados no mais puro amor, que é o amor fraterno! Meditação sobre nosso destino, pois amanhã estaremos, também, do lado de lá, despidos do corpo carnal, e, sem embar-

go, mais vivos do que hoje, para acertarmos contas com a Justiça Divina! Oração em prol do progresso espiritual de quantos nos são caros, bem como de todos a quem somos devedores; pois, se a elevação dos amigos nos dá alegria, a regeneração dos inimigos nos poupa sofrimentos. Evocação, meditação e oração, que não devem ser situadas, à beira do jazigo, onde rondam Espíritos atrasados, empedernidos autores de crimes hediondos, ou castigados pelo próprio ateísmo. De toda forma, desejosos de absorverem, em execrável vampirismo, os últimos resíduos de fluido vital dos cadáveres em decomposição e condenados a sentirem, no próprio Espírito, as pavorosas sensações da desagregação corporal, sob o impacto dos micróbios necrófagos e dos vermes vorazes! Evocação, meditação e oração, que, aos contrário, devem ser realizadas em ambiente tão puro quanto possível, para que lucrem, não só os que são objeto da evocação, da meditação e da oração, como, também, o que evoca, o que medita, o que ora. E evocar com alegria, e meditar com serenidade, e orar com confiança! Porque evocar com lágrimas, meditar com pavor e orar maquinalmente a mesma coisa é que não orar, não meditar e não evocar!

Evocar com choro, rememorar o quadro da morte, submeter o parente ou amigo à lembrança dos angustiantes momentos que precederam ao desenlace, não é dar prova de amizade — é sinal de amor egoísta, que não sabe renunciar, em proveito da evolução espiritual de outrem. Meditar na vida espiritual com medo, receiando o futuro, é demonstração de tibieza moral, é evidência de apego aos prazeres terrenos, é prova de imaturidade espiritual. Orar sem convicção, pró-forma, sem sentir, no coração, aquilo que os lábios profere, não é orar — é resmungar. Revoltar-se contra o destino, que arrebatou o ente estremecido, é atentar contra os desíg-

nios de Deus, duvidando de sua bondade, esquecido de que o ente querido, antes de ser um parente terreno, é um Espírito Eterno, filho amado do Criador, que, como Pai sapientíssimo, vela pelo futuro de todos, dando a cada um o destino que, no momento, lhe convém.

E ao terminar, uma certeza eu vos posso dar, meus prezados ouvintes, que tivestes a bonomia de me aturar até aqui: é que duas forças poderosíssimas unem os Espíritos no além-túmulo: — o amor e o ódio. O amor, para felicidade. O ódio, para a reparação. Unidos, desde já, aos nossos parentes e os amigos, pelo vínculo do amor, unidos continuaremos, fatalmente, na vida espiritual. Ligados aos inimigos, pelo desejo de vingança, ligados permaneceremos, para desgraça nossa, nos planos espirituais. Portanto, se quiserdes paz e progresso no mundo do além-túmulo, estreitai, cada dia mais, os laços afetivos com os parentes e os amigos, que partiram para a outra vida. Mas não vos esqueçais de vossos inimigos, sobretudo dos que já se libertaram do corpo material, porque, agora, mais livres e menos acessíveis à vossa vigilância, mais temíveis se tornaram, de vez que vos podem prejudicar, sem que disso suspeiteis!

Lembrai-vos de que Jesus mandava amar os inimigos. E, amando-os, não vades supor que ides praticar nenhum heroísmo. Porque, destruindo inimizades, construís a vossa paz no Mundo Espiritual. Logo, fazendo o bem ao vosso desafeto, a vós mesmos beneficiais. É o que vos ensina a Filosofia Espírita, aquela mesma que, no dizer dum poeta do Além, é uma luz.

*Gloriosa, divina e forte
Que clareia toda a vida
E ilumina além da morte.*

Portanto, meus caros ouvintes, se, porventura, hoje, dia dos Espíritos, só vos lembrastes dos entes que amastes, lembrai-vos, agora, na derradeira hora, daqueles que, embora vos mal querendo, são, também, vossos irmãos, filhos do mesmo Criador. E se, ao contrário de vossos parentes, não lhes enfeitastes de flores os túmulos, homenagem mais prejudicial do que vantajosa, — diga-se de passagem — ainda está em tempo de lhes testemunhardes a sinceridade de vossos propósitos na retificação dos erros cometidos: enviai-lhes, neste momento, o óbulo do vosso perdão ou o carinho do vosso arrependimento, nas asas vaporosas de vossa oração!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico